

# Pierre Degeyter, compositor da Internacional

Willy Corrêa de Oliveira

Pierre Degeyter nasceu na Bélgica, em Gand, no dia 8 de outubro de 1848. Eis o início de uma biografia, como poderia ser escrita para qualquer outro compositor... Logo, para aguçer o interesse do leitor e louvar o biografado, poderia ser introduzido um aspecto curioso, diferente, marcante. O nosso compositor nasceu muito pobre, um dos sete filhos de um operário com salário de condenado da terra. Alguns leitores podem até estar pensando com seus botões: "Outros músicos, e até 'grandes músicos' também nasceram pobres..."

Mas ressaltamos: Pierre Degeyter dedicou toda a sua força criadora para a causa do oprimido, e durante toda a sua vida! Viveu como operário e como compositor. Como operário passando fome, como torneiro nas longas jornadas de trabalho no final do século passado. Como compositor, animando a vida musical da classe trabalhadora. Por causa da vida de compositor, o operário sofreu sérias perseguições e desempregos. Claro: para Degeyter, a música era uma arma de combate pela libertação e não um narcótico a serviço dos "Senhores, patrões, chefes supremos".

Que caminho trilhou Degeyter para chegar a ser o músico da classe trabalhadora, para ser o compositor da música da Internacional? Sabemos que desde muito cedo ele foi explorado — como criança — na fábrica Five-Lille; e isso não deixava tempo para estudos (em 1855, a família havia se mudado para Lille, na França). Ainda adolescente, Degeyter trabalhou o hábito de dedicar as noites cansadas para leitura e estudos. À noite, freqüente as aulas de desenho e modelagem em madeira na Academia de Lille. Entra, em seguida, no curso noturno de música do Conservatório de Lille, onde em 1866 obtém o primeiro prêmio. Todas as noites, até quando o cansaço dos dias de operário torneiro permite, lá está Pierre Degeyter ao harmônio (tocando o baixinho) e escrevendo lições e canções. Essas horas noturnas forjam a resistência e o vigor para a madrugada de 1888.

Socialista — depois entrará para o Partido Comunista — nosso compositor é tesoureiro do setor de música da Cooperativa União. Na ata de fundação da Lira dos Trabalhadores encontramos a assinatura de Pierre Degeyter. Batalhador incansável da classe trabalhadora, e com passagem pelo Conservatório de Lille, ele sente na própria pele que "a música burguesa não é universal, mas apenas a arte da classe dominante"... E bem sente nos próprios pulmões o quanto "Fomos de fumo embriagados"... obra dos lacaios dos "Parasitas que se nutrem/Do nosso sangue a gotejar". É no próprio dia a dia da batalha das classes que ele se inspira e canta: "Se nos faltarem os abutres/Não deixa o sol de fulgurar". Estes versos da Internacional estão no livro de poemas de Eugene Pottier, "Cantos revolucionários", presente do companheiro Gustave Malory e que Degeyter conserva sempre à mão.

Madrugada em Lille, 1888. No "antro estreito", do harmônio soavam encadeamentos de acordes e novas tentativas com a melodia. Pierre Degeyter experimentava mais uma vez estes versos: "De pé, de pé, não mais

senhores/Se nada somos em tal mundo/Sejamos tudo, ó produtores". Agora estava satisfeito com os retoques e com a fluência para o refrão: "Bem unidos façamos/ Nesta luta final/ Uma terra sem amos/A Internacional". O refrão estava bem fácil de ser aprendido, pensava, e parecia um bom desfecho para a energia dos intervalos de quarta que sustentam os arcos melódicos a partir do início da música: "De pé, ó vítimas da fome"... Cansado e satisfeito, sabia que horas massacrantes de trabalho o aguardavam para logo mais, nesta madrugada alta. Momentos de grande exaltação, fechava os olhos mas não conseguia dormir... Cantarolava a música que acabara de escrever: "Abomináveis na grandeza/ Os reis da mina e fornalha/ Edificaram a riqueza/Sobre o suor de quem trabalha"...

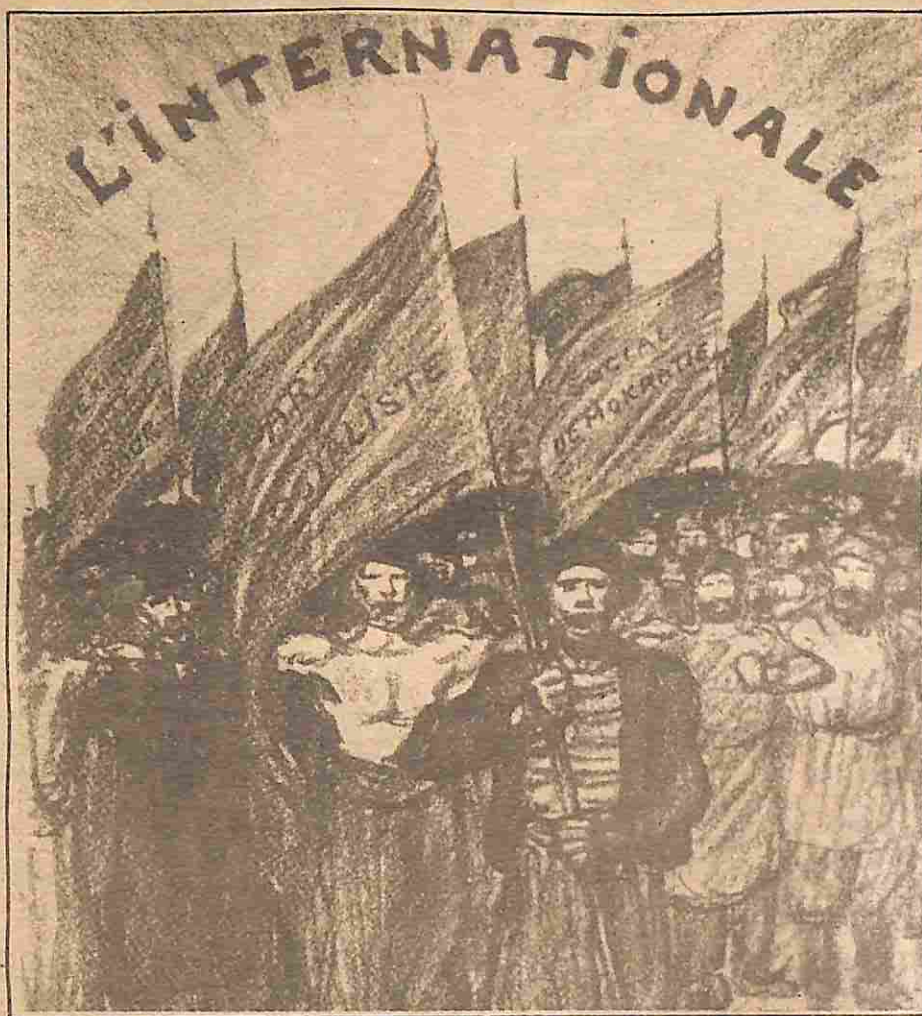
No sábado seguinte, no ensaio da Lira dos Trabalhadores, os versos de Pottier e a música de Degeyter foram recebidos com arrebatamento, a plenos pulmões. Em fins de julho, no Sindicato dos Vendedores de Jornais, a Internacional foi estreada. A acolhida foi calorosa, mas a propagação da "Marselhesa dos Trabalhadores" foi bem lenta. Louise Michel conta das lágrimas que derramou quando ouviu os mineiros do Norte cantarem a Internacional. Mas, até por volta de 1900, a Internacional só era conhecida no norte da França, mesmo a despeito do sucesso alcançado no XIV Congresso do POF (Lille), diante de representantes de outras nações (dos três representantes da delegação alemã, um não era nem mais nem menos que Liebknecht!). Mas vale assinalar que a Internacional já começava a ser nacional: em fevereiro de 1900 é cantada em Bourges, marca o compasso das manifestações de Saint-Quentin, festeja o 1.º de Maio em diversas cidades e estronda no encontro de Penedix (Lozère). De todas estas manifestações, de ruas, congressos, sindicatos, a Internacional chega até aos quartéis, onde os soldados a entoam.

É em 1905 que a Internacional dá provas de sua internacionalidade, quando ecoa pelos mares, a partir do encouraçado Potiomkin. Desde então, a Internacional já ressoava um pouco por todo lado: no Congresso de Stuttgart (1907), no Congresso de Kopenhaga (1910), e através de 500 instrumentistas e coristas do Congresso de Bruxelas.

A guerra de 1914-1918 abafa, com seu ruído destruidor, a música do hino dos trabalhadores. Os trabalhadores estão demasiadamente ocupados com as guerras de seus senhores.

Mas em outubro de 1917 troa o hino da vitória, a Internacional: "Ondas de povo e milhares e milhares de seres, com o sofrimento gravado nas fisionomias, precipitavam-se pelas ruas, invadindo a Praça Vermelha. Chegou uma banda militar. E o som da Internacional fez com que todos, espontaneamente, comessem a cantar. O canto ergueu-se da multidão, como uma vaga que se alterasse sobre a água, em tom solene, majestoso. Da muralha do Kremlin, pendiam até o solo gigantescas bandeiras vermelhas com inscrições em letras douradas e brancas: "Aos primeiros mártires da Revolução Social Universal!"; "Viva a fraternidade dos

(pelos anos de luta, ao Dr. A. Jagle)



Capa da partitura da Internacional (desenho de Steinlen)

Com este artigo, a Voz inicia uma série sobre a história da canção A Internacional, que terá prosseguimento na próxima edição com a publicação da partitura e um texto inédito de Lênin.

trabalhadores do mundo inteiro!" (John Reed, 10 dias que abalaram o mundo).

E o canto ergueu-se da multidão como uma vaga atrás da outra, de outras. Nos anos vinte, os trabalhadores alemães continuam cantando, "de pé, de pé", mesmo após o assassinato de seus porta-bandeiras. A Internacional é um ânimo que não esmorece, que só uma bala assassina pode, momentaneamente, calar: "Bem unidos façamos/ Nossa luta final/ Uma terra sem amos/A Internacional".

E o canto continua erguendo-se da multidão. Na Espanha massacrada pelos fascistas, a Internacional é cantada em ressonância com o valor e a audácia do povo espanhol. "Arriba, parias de la tierra!/ En pie los obreros sin pán!/ Arriba los pobres del mundo/ Viva la Internacional"... "Los hombres han de ser hermanos". Citando estes versos da Internacional e relembrando a Guerra Civil (1936-1939), escreve Casaldáliga: "Letras fortes que tinham sabor de causa e falavam do vasto mundo".

E do vasto mundo, cada vez mais vasto na cantoria de esperança da Internacional, o canto continua erguendo-se da multidão. "Qualquer que seja o país em que um trabalhador vá parar, qualquer que seja o lugar para onde o seu destino o leve, por mais estrangeiro que se sinta por não falar a

língua, sem conhecidos, longe da pátria, sempre encontrará camaradas e amigos por intermédio da conhecida melodia da Internacional" (Lenin).

Pierre Degeyter, aos 80 anos, faz parte da delegação do Partido Comunista Francês que, em 1927, vai assistir às comemorações do X Aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. E canta a Internacional com o povo soviético, 39 anos depois da madrugada de 1888!

Pierre Degeyter morre em Sain-Denis, no dia 26 de setembro de 1932. "E o som da Internacional fez com que todos comessem a cantar"... A um artista comunista não se pede que ele exiba sua carteira do Partido, mas que ele faça uma arte comunista... Eis um final de biografia que pode plenamente ser escrita para Pierre Degeyter!

"E o som da Internacional fez com que todos comessem a cantar"... E entre nós, por que tanto silêncio e esquecimento?

(\*) Willy Corrêa de Oliveira é compositor e autor do livro Beethoven, proprietário de um cérebro, Editora Perspectiva, S. Paulo, 1978.

**VOZ**  
da unidade